



3.16 • Metamorfoses da violência

O complexo industrial-militar

Sandro Mendonça

DWIGHT DAVID EISENHOWER foi presidente dos Estados Unidos entre 1953, no mesmo ano em que morre Estaline e que tanques russos dominam uma tentativa de revolta em Berlim oriental, e 1961, ano em que o muro de Berlim começa a ser construído e que a União Soviética detona uma bomba de hidrogénio que levou à maior explosão da história. Nos seus oito anos de mandato, o capitalismo norte-americano prosperou (o PIB dos EUA cresceu ao todo quase 20%), mas o campo socialista obteve também vários progressos tecnológicos que levaram a uma vaga de medo sobre um possível desequilíbrio Este-Oeste (como o lançamento do Sputnik em 1957).

A emergência de uma questão

A Guerra Fria era uma disputa entre ideologias e modelos de organização político-económica, mas também um empreendimento criativamente exigente e economicamente caro; uma corrida entre sistemas de ciência e tecnologia, entre aparelhos industriais de segurança e defesa. Neste entorno de tensões se situou Eisenhower (1890-1969): foi o último presidente dos EUA nascido no século XIX e veio a morrer no ano em que o homem chegou à Lua. Proveniente de uma família de origem alemã, acabaria por chefiar as operações aliadas no continente europeu durante o Dia D. Foi ele que criou a NASA como instituição de exploração espacial, mas também que uniu por terra os diversos Estados através de um sistema viário moderno. Um general de cinco estrelas que escreveu o mais célebre discurso de despedida enquanto presidente, alertando para a hegemonia dos interesses económicos do sector da defesa na agenda política norte-americana.

Eisenhower é uma figura útil para a reflexão entre o fenómeno económico e o fenómeno militar. Nesse sentido vale a pena considerar duas instâncias do seu legado enquanto presidente: o sistema interestadual de autoestradas e o seu discurso sobre o complexo industrial-militar.

Um primeiro megaprojecto civil-militar norte-americano

Em 1919, um jovem oficial do exército norte-americano embarcava numa expedição épica. O futuro comandante supremo das Forças Aliadas na vindoura guerra mundial integrava um comboio de oitenta e um veículos militares com a missão de cruzar onze Estados desde Washington, DC até à Califórnia. O objectivo: testar a capacidade de movimentação militar na eventualidade de um ataque à costa oeste, ameaça que o alto comando norte-americano antecipava pudesse um dia surgir do império japonês. Esta campanha, na qual Eisenhower tinha como tarefa observar e manter um diário, levou dois meses a concluir a uma média de 13 km/hora e nela perderam-se nove veículos e vinte e um homens (Winchester, 2013). Com uma rede viária desorganizada e em mau estado, este imenso país não dispunha ainda de uma infraestrutura logística com uma escala adequada, nem para fins de defesa, nem para fins comerciais.

Na década de 1910, os Estados Unidos da América eram já o maior mercado automóvel do mundo. Em finais da década de 1920, mais de metade das famílias já dispunham de viatura própria, e quase 20% delas já tinham mais que uma. Seria, no entanto, na Alemanha que um sistema racional, estandardizado e eficiente de auto-

-estradas seria concebido. Pensado ainda nos anos 1920 durante a República de Weimar, seria em 1933 como triunfo nacional-socialista que a primeira rede moderna e rápida de circulação automóvel surgiria. Dando trabalho a dezenas de milhares de alemães, o primeiro troço de *Autobahn* seria inaugurado em 1935 e o crescimento continuaria num ritmo febril até vésperas da guerra. Embora os engenheiros de Hitler dissessem que estas eram “estradas de paz”, o general que enfim as utilizaria para chegar à Áustria diria que eram uma “bênção” para a marcha (Lewis 2013, p. 90).

Eisenhower, nas suas memórias, diria mais tarde: “After seeing the Autobahns of modern Germany and knowing the asset those highways were to the Germans, I decided, as President, to put an emphasis on this kind of road building. This was one of the things I felt deeply about, and I made a personal and absolute decision to see that the nation would benefit by it. The old convoy had started me thinking about good, two-lane highways, but Germany had made me see the wisdom of broader ribbons across the land.”¹

Seria com a sua presidência que a iniciativa, denominada *Grand Plan*, avançaria. O “Federal-Aid Highway Act” de 1956 lançaria nos EUA o *National System of Interstate and Defense Highways*. Originalmente programada para 25 milhares de milhões de dólares em doze anos viria a custar 4,5 vezes mais e durou trinta e cinco anos a completar. Uma ideia que o exército tinha provado necessária após a I GM e que a Alemanha Nazi tinha concretizado exemplarmente antes da II GM é, assim, um misto de inspiração e propósito económico e militar. A interacção entre as dimensões económicas e militares podem ter uma natureza “simbiótica”, de mútuo reforço, muitas vezes motivando significativos projectos de investimento em sistemas de “duplouso” (a terminologia consagrada é “dual-use technologies”). Mas a economia da defesa também pode ser “parasitária”, e Eisenhower alertará para isso.

A natureza e os riscos dos negócios da segurança e da defesa

Em 1952 Eisenhower produziu um curioso discurso de arranque para a sua campanha presidencial. Após quase vinte anos de mandatos democratas, poderia ser expectável que um candidato republicado corresse apelando contra a irresponsabilidade fiscal. Porém, no meio de tanto sentimento pró-militar e anticomunista, não seria expectável que um militar de carreira apelasse a cortes na despesa armamentista (Avlon, 2004). Com 61 de idade, naquela que considerava a sua terra natal, Abilene, no Kansas, as palavras de Eisenhower não usaram uniforme:

O SISTEMA ECONÓMICO E O SECTOR DA DEFESA

O entrelace entre a economia e a segurança é explícito, significativo e forte desde há muito tempo. Boa parte dos grandes fenómenos de “conflito aberto” ou de “paz forçada” nos últimos 200 anos pode ser compreendida nesta intersecção: a “Pax Britânica” como gestão de um capitalismo de mercado internacionalizado; a Primeira Grande Guerra como luta por espaços económicos vitais para escoar na economia-mundo o risco de sobreprodução; a Segunda Guerra Mundial com resultado próximo de uma asfixia económica da Alemanha; a Guerra Fria como grande combate entre dois modos de organização económica.

Mas, no longo prazo, a tecnologia e a inovação são o motor e o volante da economia. E as forças da ciência e tecnologia, da mudança organizacional e sociopolítica moldam a natureza operacional e estratégica da defesa e segurança. O início do capitalismo moderno, com a Primeira Revolução Industrial, mecanizou a arte da guerra desde os finais do século XVIII. A Segunda Revolução Industrial, do final do século XIX, veio motorizar/electrificar/sintetizar a gestão do conflito. E nos finais do século XX, a Terceira Revolução Industrial veio informacionalizar e interconectar o negócio da instabilidade e da insegurança. Nestas três vagas o investimento militar permitiu, por exemplo, alimentar o desenvolvimento da navegação a vapor, depois o desenvolvimento da aviação a êmbolo e depois a jacto, por fim o desenvolvimento dos computadores e da internet.

Pode falar-se, portanto, numa co-evolução entre as dimensões tecnoeconómicas e político-militares ao longo do tempo. A inovação e o progresso técnico estão associados a investimentos de natureza militar, com grandes externalidades na vida económica civil.

O VALOR ECONÓMICO E ESTRATÉGICO DAS DESPESAS MILITARES

Numa óptica de curto prazo, a literatura académica é, contudo, menos linear. A investigação disponível é, na melhor das hipóteses, ambígua em relação ao impacto das despesas militares no desenvolvimento humano, aferido em termos de medidas convencionais de bem-estar das sociedades como a taxa de crescimento económico. Por exemplo, em situações normais (ausência de conflito ou de recessão), os efeitos de políticas “keynesianas-militares” são tudo menos óbvias: para os países industrializados os resultados são negativos (mais despesa levará a menos crescimento) mas para os países em desenvolvimento são indeterminados (impacto nulo ou, note-se, positivo).

Assim, não é de admirar que nos países da OCDE (que entretanto pararam de crescer robustamente) haja uma resistência das populações ao aumento de despesas públicas nesta área, enquanto nos países emergentes haja uma preferência dos decisores públicos nesta agenda (países como a China, Turquia, Indonésia ou outros exibem tal crescimento do PIB, e uma dívida pública baixa, que os aumentos de despesa não são salientes). Certamente, um dos preditores da despesa pública em defesa é a opinião pública. Porém, outra questão interessante são os próprios determinantes da opinião pública.

Os gastos na esfera militar nos países com economias maduras parecem desviar recursos para aplicações que consomem riqueza sem criarem retornos visíveis nas métricas económicas convencionais. Com os EUA a desalvancarem-se das dispendiosas intervenções no Afeganistão e no Iraque e com um continente europeu em crise orçamental sistémica, é de esperar um atrito estrutural e duradouro da opinião pública em relação à agenda da defesa.

“Today staggering federal expenditures for civil and military purposes have soared to totals beyond the comprehension of ordinary individuals. In a world threatened by war, a great portion of these is inescapable, but because necessary expenditures are so great, our entire arms program must be under constant scrutiny that not one dollar be spent without full value received. Armament, of its nature, is sterile. Heedless expense is investment in bankruptcy.” (*Ike Eisenhower*, documentário PBS, minuto 64).

“
A interacção entre as dimensões económicas e militares pode ter uma natureza “simbiótica”, de mútuo reforço [...]
”

Eisenhower parece referir-se, em primeiro lugar, ao grande volume de gastos e ao eventual desperdício de fundos numa alusão velada a desvios por via de corrupção. Isto é, àquilo que numa perspectiva da análise económica se chamaria “crowding out” (quando o Estado deixa menos para a iniciativa privada) e de “rent-seeking” (a tentativa de um sector da sociedade aumentar a sua

quota-parte de riqueza sem criar mais riqueza).

Em segundo lugar, porém, há também uma referência explícita ao carácter essencialmente não reprodutivo dos programas de armamento. Esta postura circumspecta pode ser detectada algumas vezes ao longo dos seus dois mandatos. Por exemplo, quando convida o líder soviético, Nikita Khrushchev, a visitar os EUA em 1959, Eisenhower procura diminuir as tensões e controlar a escalada. Continuar febrilmente numa corrida ao armamento seria, em última análise, derrotar-se a si mesmo, fosse por via de um cataclismo nuclear ou por via de uma exaustão económica. Sabemos hoje que Khrushchev via o seu desafio de um modo muito similar, ao dizer que o futuro do socialismo estava no “fundo dos estômagos dos trabalhadores” (Fursenko and Naftali 2006, p. 373, ver também p. 36). À porta fechada os custos da confrontação perpétua eram percebidos como reais e não sustentáveis. Aliviar o clima das relações internacionais seria no melhor interesse não só humanitário, mas também económico.

No fim do seu tempo na presidência, Eisenhower seria mais explícito sobre os excessos do militarismo e a ameaça dos grupos de pressão da indústria de defesa. Esse discurso, tido como mais importante desde o do próprio George Washington, tornou-se talvez o seu maior legado imaterial. Recente evidência arquivística mostrou que esse texto demorou 20 meses a ser produzido

e passou por vinte e uma versões, mas também que a expressão que o destacaria só foi estabilizada nos últimos dias: “military-industrial complex” (chegou a ser escrita como “war-based industrial complex” e “vast military-industrial complex”).

No seu discurso, Eisenhower começa por fazer notar que uma indústria bélica especializada e permanente é uma novidade na história americana. No entanto, nessa altura a sua presença já se fazia notar na vida e no trabalho das pessoas, em todas as cidades e em todas as estruturas do Estado. Diz ainda que a despesa em serviços militares ultrapassava já os resultados de exploração de todas as grandes empresas privadas norte-americanas.

Mas Eisenhower fala também da sua “influência total – económica, política, até espiritual”. Por isso adverte para graves riscos de captura por parte de elites empresariais, militares e tecnólogos:

“In the councils of government, we must guard against the acquisition of unwarranted influence, whether sought or unsought, by the military-industrial complex. The potential for the disastrous rise of misplaced power exists and will persist. We must never let the weight of this combination endanger our liberties or democratic processes. We should take nothing for granted.”²

A durabilidade destas palavras terá agora que ver com a simplicidade da sua formulação: “o complexo industrial-militar”. Mas terá também que ver com a sua perene pertinência no contexto de uma economia moderna em evolução, moldada por instituições e tecnologias, por instintos e interesses, por ideias e ideologias. ■

Notas

¹ Ver Murphy 2009, p. 50.

² Ver o sítio electrónico dos arquivos do Presidente em: <http://www.eisenhower.archives.gov/>.

Para saber mais

FURSENKO, A. and T. Naftali (2006) — *Khrushchev's Cold War: The Inside Story of an American Adversary*. Nova Iorque: W. W. Norton.

HOOKS, G. (1991) — *Forging the Military-Industrial Complex: World War II's Battle of the Potomac*. Urbana: University of Illinois Press.

JAVITS, J. K.; Hitch, C. J. e Burns, A. F. (1968) — *The Defense Sector and the American Economy*. New York: New York University Press, 1968.

KILLIAN, J. R. (1977) — *Sputnik, Scientists, and Eisenhower: A Memoir of the First Special Assistant to the President for Science and Technology*. Cambridge, Mass: MIT Press.

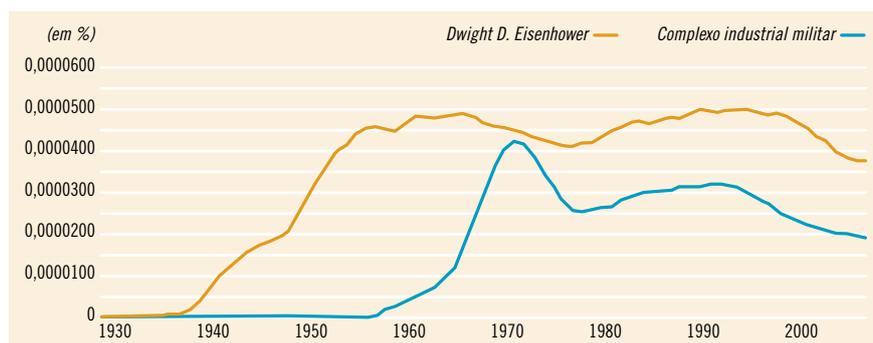
LEDBETTER, J. (2011) — *Unwarranted Influence: Dwight D. Eisenhower and the Military-Industrial Complex*. New Haven: Yale University Press.

LIFTIN, A. D. (1974) — “Eisenhower on the Military Industrial Complex: Critique of a rhetorical strategy”. *Central States Speech Journal*. Vol. 25, n.º 3, pp. 198-209.

MELMAN, S. (1970) — *Pentagon Capitalism: The Political Economy of War*. New York: McGraw-Hill.

TURSE, N. (2008) — *The Complex: How the Military Invades Our Everyday Lives*. New York: Metropolitan Books.

ROBERTS, S. (2010) — “In archive, new light on evolution of Eisenhower speech”. *The New York Times*. 11 de Dezembro, p. A13.



A presença do termo no corpus dos livros digitalizados pelo Google Books. Fonte: Google.